

DIÁLOGOS POSSÍVEIS ACERCA DAS CRÍTICAS A “GEOGRAFIA CRÍTICA”

Lidiana Cruz da Costa
Mestranda em Geografia Humana
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
(FFLCH/USP)
lydyanacruzdacosta@usp.br

OBRA: SILVA, Ana Cristina Silva. *O Pensamento Geográfico Brasileiro na Travessia do Século XX para o Século XXI: O Território na trama das significações imaginárias*. 492 f. Tese (Doutora em Geografia Humana). Universidade Estadual Paulista “Júlio e Mesquita Filho. Presidente Prudente. (2010) (2v)

É indiscutível que há uma crescente leva de geógrafos que se propõem a analisar a História do pensamento geográfico por meio da crítica ao marxismo, em geral poucas são convincentes, porém evidentemente pertinentes. Aos pretensos críticos da História do Pensamento Geográfico é necessário enfatizar a leitura indispensável da tese apresentada.

É importante notar que a consolidação da teoria marxista relaciona-se com a capacidade que esse aparato teórico-metodológico permite compreender a realidade e analisar as relações sociais. Fugindo ao campo estritamente ontológico e epistemológico, o marxismo ao mesmo tempo deve ser entendido em seu contexto de surgimento o que lhe confere limites e possibilidades.

A tese elaborada por Ana Cristina Silva, intitulada “*O Pensamento Geográfico Brasileiro na Travessia do Século XX para o Século XXI: O Território na trama das significações imaginárias*” corresponde ao grupo dos trabalhos que arduamente trilharam um caminho pedregoso para expressar uma visão crítica ao marxismo como visão de mundo.

Doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente (2010) e professora da Universidade Federal de Goiás e do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), a autora atua principalmente nos seguintes temas: Teoria e Metodologia da Geografia, História do Pensamento Geográfico, Território e Imaginário, História da Geografia, Teoria social e Geografia Humana. Dos caminhos pedregosos da História do Pensamento Geográfico, foi por meio dos pedregulhos que a autora narrou à forma de pensar o conceito de território na História inventada.

A pesquisa se propõe a investigar algumas obras e discursos de alguns ícones da Geografia como: Milton Santos, Valverde, Becker, Bernardo Mançado, Antonio Carlos Robert de Moraes e outros. Nesse aspecto, se de uma forma ela busca para a História do

Building the way

Pensamento Geográfico uma nova perspectiva de análise, por outro se limita a analisar algumas figuras de determinadas comunidades específicas.

Quanto ao entendimento da obra, só é possível através de uma retrospectiva de seu desenvolvimento. Nesse momento, convido o leitor desta resenha a compreender o quão difícil foi trilhar os meandros do conceito de território da História do Pensamento Geográfico.

O enfoque dado ao conceito no decorrer do trabalho foi insuficiente dentro do conjunto das discussões apresentadas na tese. A autora concorda com Castro (2009, entrevista concedida a autora da tese) ao defender que a Geografia Crítica se centrou na dimensão econômica do espaço, ao passo que a dimensão política do território foi marginalizada. Acredita ainda que a definição do conceito de território está relacionada à configuração intelectual do pensamento geográfico brasileiro, reunindo diferentes origens, objetivos e posicionamento teórico- metodológicos.

Concorda também com alguns intelectuais estudados que o Pensamento Geográfico não está alheio à crise e nem a mudança no cenário intelectual contemporâneo, questionando experiências históricas, concepções de ciência, paradigmas, teorias e o sentido da práxis e da utopia (SILVA, 2010).

No ponto de vista de Silva (2010), o conceito de território foi pensado muito mais na lógica conjuntista-identitária na história do pensamento geográfico moderno e contemporâneo, do que na imaginária. A chamada visão identitária (conídica) tem suas bases teóricas formuladas por Castoriadis (1992) para o qual o tempo é marcado pelo tempo calendário ligado a pontos de referências e durações comuns.

Não obstante, os conceitos trabalhados de Castoriadis (1992) pela autora nesse momento da pesquisa não foram bem aprofundados, não ficou muito claro as diferenças existentes entre essas distintas perspectivas do conceito de território para o leitor, impossibilitando inferir alguma consideração a respeito das posições apresentadas pela autora.

A tese referida está estruturada em duas partes, cada uma composta por três capítulos. A primeira parte da obra intitulada: “Entre o passado e o futuro: uma História do pensamento geográfico brasileiro” foi dedicada à revisão da História do pensamento geográfico brasileiro, mais especificamente da Geografia Humana.

Nesse momento, há uma abordagem das referências teóricas que legitimaram a historiografia desse Pensamento Geográfico, galgado nas ontologias marxistas. A tese apresenta uma proposta do entendimento dessa historiografia por meio de outras perspectivas

Building the way

teóricas e metodológicas que permitam compreender a relação entre *ideologia, ciência e pensamento*, diferentemente das análises apoiadas nas teorias referidas.

Segundo a autora é possível formular outras abordagens para a História da Geografia e do Pensamento Geográfico vinculado a noção de “consciência espacial”, ligada à relação entre ciência, ideologia e Geografia.

Neste momento da pesquisa a autora vai partir das considerações realizadas por Paul Ricoeur (1983) em relação à hermenêutica das tradições, e a crítica das ideologias de Habermas (2002) como instrumentos teóricos para construir uma síntese crítica ao problema da historiografia, e uma busca a hermenêutica como contribuição à crítica.

Ao mesmo tempo, a interlocução foi realizada com a Filosofia, a Sociologia do Conhecimento e com algumas vertentes da Historiografia Contemporânea, discutindo a noção de pensamento e os procedimentos metodológicos cabíveis à investigação proposta, almejando a possibilidade de uma “historiografia geográfica”.

Na terceira parte, as considerações foram em torno da teoria social que serviu de mediadora na relação Filosofia e Geografia Humana. Não obstante, segundo a autora a geografia humana observou mais a relação entre o homem e a natureza, do que a relação dos homens entre si. Segundo Silva (2010, p. 117) “Dito de outro modo, o homem e a sociedade, com suas instituições, eram concebidos como sendo determinados por leis naturais (ou físicas) ou por determinações históricas ou econômicas em que essas leis também atuam”. Difícil é imaginar que isso tenha acontecido, mas continuemos.

Ainda com relação às considerações realizadas sobre a comunidade científica abordada pela autora, à mesma utiliza as palavras de Milton Santos para justificar a crítica “uma boa parcela do que hoje aparece como geografia marxista é ideológica: trabalha com uma História que não existe mais, daí certa fixidez dos conceitos”. Ainda assim é difícil considerar que depois de todo esforço de grandes geógrafos historiadores, que hoje nos permitem ter uma leitura da sociedade muito mais palpável do que até então tínhamos antes do surgimento da Geografia Crítica no Brasil, tenham ancorado suas pesquisas na fixidez de conceitos (*Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*: 1996b, p. 172). Na verdade, Santos (1996), se propõe a fazer uma autocrítica e uma crítica, não negando o marxismo, mas questionando as próprias problemáticas que não anulam a teoria, mas que são intrínsecas ao fazer ciência.

Diante do contexto de crise que o Brasil em decorrência da ditadura militar e pela emergência da Geografia Teorética pautada, sobretudo em modelos estatísticos, a comunidade

Building the way

científica referida pela autora se propôs a ir à contramão dessa corrente e lançar-se a busca de uma teoria que fugisse ao campo estritamente teórico e que tivesse um maior comprometimento epistemológico e ideológico com os problemas que assolavam a sociedade brasileira.

Majoritariamente, um dos primeiros passos da Geografia Crítica mundial, começa com a obra de David Harvey “*A Justiça Social e a Cidade*” (1980). Essa obra foi o pontapé inicial da Geografia Crítica. No Brasil o movimento de renovação chega pelos trabalhos de Milton Santos, que esteve na França junto com diversos franceses, publicando na mesma época diversas obras críticas. A obra que marca esse período é “*Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*” publicada em 1978.

Seguindo na apresentação da estrutura da tese, no segundo bloco da pesquisa a abordagem principal é o pensamento de Castoriadis (1987) e sua Filosofia da criação humana. O ponto central é o entendimento do território a partir do imaginário como núcleo ontológico da filosofia da criação humana. Nessa filosofia encontra-se a constituição de uma teoria social que permite a elucidação do imaginário científico e da História da ciência. Isto é, as teorias não são “pura” expressão dos interesses individuais de seus autores, mas são resultado das formas históricas e sociais da criação do imaginário social. “Os discursos são formas coletivas e individuais de expressão de saberes e de relações de poder numa sociedade, num dado momento histórico (SILVA, 2010, p. 209)”.

De modo geral, as considerações da tese são em torno das representações do conceito de território no Pensamento Geográfico Brasileiro contemporâneo e sua relação com outras significações imaginárias sociais, no contexto do movimento de renovação da geografia humana. Segundo Silva (2010) a institucionalização e a conformação do movimento de renovação por meio de diferentes níveis de poder dentro das estruturas da sociedade permitiu sua legitimação.

Essa temática foi abordada sob as perspectivas da Sociologia do Conhecimento e da Filosofia, no que se refere ao conceito de pensamento, e também com base na História Oral e na História do Tempo Presente quanto aos procedimentos metodológicos.

A autora busca mostrar as formas discursivas e simbólicas de representação geográfica da realidade que se originam e atuam na “instituição imaginária” da sociedade. Nessa perspectiva, a Geografia como ciência, contribui na instituição imaginária, por meio do imaginário científico e da representação geográfica, propondo discursos, teorias e instrumentos para a ação social.

Building the way

Ao questionar o viés estritamente materialista da História do pensamento geográfico, percorrendo uma vasta bibliografia em busca de novos entendimentos de teorias e temas, a obra em questão possibilita o diálogo com outras perspectivas, contribuindo ao resgate de um dos expoentes no movimento anarquista, Cornelius Castoriadis (período de vida 1922-1997).

No que tange a análise da tese em relação às teorias e métodos da História da ciência é possível afirmar que o desenvolvimento e a consolidação de uma ciência geográfica no Brasil, se aproxima aos modelos de difusão da ciência nas nações não europeias como expõe Jorge Basalla (1967) em “The Spread of Western Science”. Basalla (1967) acredita que existe uma centralidade e uma periferia no desenvolvimento da ciência, havendo regiões que não tem uma ciência independente devido à existência de uma cultura local. A isso não foge a tese de Silva (2010) e nem a resenha nesse momento redigida.

A autora da tese não parte de uma análise da História da Ciência fora da Europa, ou da considerada centralidade, o conjunto de intelectuais abordados fazem parte de um fazer científico imbricado a um contexto e a uma localidade específica que são influenciados por um pensamento eurocêntrico. O modelo de difusão da ciência proposto por Basalla (1967) conhece aqui sua concretude, sua conformação. Contudo, é possível notar na tese a realização de uma crítica ao modo de pensar a História da geografia a partir de uma única visão positivista e materialista, considerando as dimensões histórica e cultural negadas por Basalla (1967), o que não foge, entretanto ao pensamento centralizado.

Ao contrário do eurocentrismo de Basalla (1967), Chambers (1993) em seu texto “*Locality and Science: Myths of Centre and Peripher*”, publicado em *Mundialización de la Ciencia y Cultura Nacional*, acredita que as ciências se produzem em todos os lugares no mundo, sem a ideia de centralidade de Basalla (1967). Não obstante, é importante notar que as ideias não são excludentes.

As considerações de Chambers (1997) para o qual existem diferentes formas de fazer ciência, e que as localidades reinterpretem o fazer científico também está presente na tese apresentada por Silva (2010), pois a mesma busca interpretar a História da ciência geográfica e da própria ciências humanas a partir das particularidades vinculadas a ideia de “imaginário social, interpretando contextos e complexidades.

Ainda no campo das teorias científicas podemos fazer um paralelo entre alguns conceitos de Thomas Kuhn (1996) para a História das ciências, mesmo constatando que a autora não dialoga diretamente com a obra, dado seus limites e possibilidades, devido ao seu

Building the way

contexto de formulação, a obra intitulada de “*Estrutura das Revoluções Científicas*” permite problematizar alguns pontos abordados por Silva (2010).

Em geral, a tese de Silva (2010) não defende uma ruptura no paradigma materialista, mas sim o deslocamento e as variações de interpretação que foram sendo construídas do conceito de território na História do Pensamento Geográfico Brasileiro.

É notório que a consolidação de um fazer científico geográfico nesta época também envolvia uma discussão acerca dos primeiros estágios da ciência entre diversas concepções de natureza, conceito ligado às formulações de Kuhn (1996).

Esta concepção de natureza influencia diretamente na percepção do método. Deste modo, é possível fazer uma analogia com a História do Pensamento geográfico no que tange a tentativa de transposição dos métodos das Ciências Naturais para as Ciências Humanas e o desenvolvimento de duas perspectivas na geografia, a geografia Teorética, ligada aos dados estatísticos, e o desenvolvimento da geografia crítica a partir do materialismo histórico dialético, vinculado muito mais à ideia de práxis.

Ao contrario do que a autora defende a forma de pensar e de fazer ciência Geográfica nesse período não é necessariamente uma ruptura ocorrida e consolidada, mas sim um processo ainda em movimento. Essa concepção é defendida pela percepção de que a História da Geografia renovada ainda está em processo de construção e todavia ainda não se fechou a “*caixa preta*” da História de renovação geográfica (LATOUR, 2000).

As considerações de Latour (2000) a respeito da ciência em construção ser mais importante do que a ciência como algo acabado é uma concepção que não se distânciava tanto das metodologias propostas por Silva (2010) vinculadas a História do presente e a História oral para o desenvolvimento da tese. Bruno Latour (2000) rompe com a ideia de paradigma de Thomas Kuhn (1992) e lança uma questão central para entendermos nosso “Basallianismo”, quem faz ciência?.

Além disso, fazendo uma analogia com ideia de “caixa de preta” do mesmo autor, a tese aqui abordada busca investigar uma História do Pensamento Geográfico que ainda está em construção e inacabada, as controvérsias e dúvidas são inerentes a esse processo. A proposta de Latour é buscar compreender como a ciência se constituiu e não como ela se difundiu e foi recepcionada no Brasil, identificando assim uma aproximação da tese de Silva (2010) as concepções de Basalla (1967).

Não menos importante, outra autoridade na discussão acerca da História da ciência geográfica é Livingstone (1992), em seu livro: “*Putting science in this place*”

Building the way

considera que a ciência carrega as marcas do seu local de produção, de momentos específicos e culturas locais. O autor propõe uma geografia da Ciência, não uma História da Ciência. Aponta também à instabilidade fundamental do significado científico, com base em estudos de caso de como as teorias científicas foram recebidas em diferentes localidades. O autor conclui examinando a mobilidade notável da ciência e a forma fácil que ela se move ao redor do globo, porém insiste que a ciência está sempre fundamentada em determinadas épocas e lugares, influenciando e sendo influenciada.

Pode-se observar que na pesquisa, Silva (2010) considera que o desenvolvimento da ciência Geográfica foi paralela ao desenvolvimento das ciências no Brasil. A História da ciência Geográfica influenciou, foi influenciada e acompanhou o desenvolvimento de investigações científicas de outros campos, esse pensamento exposto pela autora se aproxima das considerações de Livingstone (1992).

A abordagem apresentada pela obra estabelece uma aproximação das considerações de Livingstone (1992) na medida em que busca compreender como foi o processo de apropriação da História do Pensamento Geográfico e dos processos de circulação e de recepção das teorias por geógrafos brasileiros.

A autora da tese constata que a adoção do método materialista estava ligado ao contexto histórico, cultural e, sobretudo ao engajamento político por parte de seus preconizadores, pois a escolha pelo materialismo histórico era a adoção digamos de uma teoria vinculada a práxis.

A crítica de diversos autores se deu direcionada aos componentes ideológicos da Geografia Tradicional e Teorética, porém a historiografia da geografia renovada se posiciona, segundo Silva (2010), como se não fosse influenciada por posições ideológicas, talvez resgatando uma velha discussão estéril da busca pela neutralidade científica.

A rede de atores analisados pela autora está atrelados à produção bibliográfica no chamando “centro de cálculo” da produção da ciência no Brasil, conceito trabalhado por Latour (2000) para se referir ao local de produção predominante da ciência.

De modo geral, a autora amarra o desenvolvimento da pesquisa na discussão dos conceitos filosóficos, porém há realmente uma carência na análise das falas dos respectivos intelectuais, não ficou evidente a questão do “imaginário social” a partir da oralidade, tampouco foi possível perceber o potencial de análise das metodologias e métodos usados.

Silva (2010) se propôs a realizar uma leitura da História do pensamento geográfico a partir da crítica a corrente marxista predominante desde meados do século XX,

Building the way

porém é notório que a tese não esgota as leituras a respeito dessa temática, e não consegue evidenciar que existam novas bases para uma nova abordagem para os estudos historiográficos do Pensamento Geográfico Brasileiro.